

RESUMO

À primeira vista, tentar estabelecer uma proximidade entre Cesário Verde e Augusto dos Anjos parece descabido, pois trata-se de dois poetas cujos estilos e ideologias se enunciam como bastante heterogêneos. Entretanto, pretendemos aqui demonstrar que, não obstante isso, há neles acentuadas semelhanças.

ABSTRACT

At first sight, trying to establish resemblance between Cesário Verde and Augusto dos Anjos seems fruitless considering they are poets whose styles and ideologies are uttered in very heterogeneously. However, the intention of this paper is to demonstrate, in spite of this, that they share stressed similarities.

A POESIA DE CESÁRIO VERDE E DE AUGUSTO DOS ANJOS: SEMELHANÇAS E DESSEMELHANÇAS

*Francisco Antônio Ferreira Tito Damazo**

Buscar estabelecer uma comparação entre os poetas Augusto dos Anjos e Cesário Verde, como pretendemos fazer, pode parecer algo complicado, se não inviável. Afinal, se se considerar o que deles a crítica em geral tem difundido, são poetas bem opostos, pois enquanto a lírica de Augusto dos Anjos essencialmente está voltada para a precariedade, para a nulidade da natureza humana, logo um olhar tornado para o ser-matéria, a lírica de Cesário Verde, por sua vez, debruça-se sobre a condição humana. Isto é, o olhar lírico de Cesário Verde está a perscrutar o homem no seu dia-a-dia de ser, enquanto indivíduo social.

Não obstante, no âmbito mesmo dessas dessemelhanças, entendemos que nalguns pontos de sua poesia observam-se proximidades. A começar por alguns aspectos de natureza pessoal, coincidentes que sejam, mas que de algum modo, e na devida medida, exercem influência na tessitura literária. Afinal, trata-se de dois “tísicos”. Ambos acabam sucumbidos pela doença em idade muito próxima – em torno dos trinta anos. Tal fato, ou melhor seria dizer talvez, tal fatalidade, isto é, a condição de tísicos certamente contribuiu para o ensimesmamento em que ambos se confinaram, conforme se pode observar no transcurso da vida pessoal e literária de cada um.

A solidão tubércula, ou a turberculose solitária, não importa, terá contribuído por certo, de algum modo, para a formação dessas personalidades poéticas. Ainda que isso seja um dado pouco relevante na aferição da estética em si mesma e o

* Professor, mestre, doutorando em Literatura Brasileira pela UNESP - S. J. do Rio Preto - SP, poeta, cronista do Jornal Folha da Região de Araçatuba e membro da Academia Araçatubense de Letras.

seja, por certo, mais relevante na sua gênese, entendemos conveniente apontá-lo.

Fator de distinção: tanto um quanto outro estiveram à parte, para dizer de modo mais rigoroso, dos movimentos literários de seu tempo. Cesário Verde foi um poeta mais que realista-naturalista-parnasiano. Augusto dos Anjos, mais que simbolista e pré-modernista.

Impossível não considerar também que por detrás destas duas poéticas há a forte presença das ideologias determinantes da época cultural em que ambos, cada qual por seu turno, viveram. Evolucionismo, Determinismo, Positivismo, Decadentismo foram inevitavelmente substratos dessas gênese poéticas. Centram-se aí, ou daí decorrem, certamente, traços de angústia, de pessimismo e a arguta perquirição da vida do homem por um e do ser humano por outro. Certo é que não se pode deixar de considerar, como o fez a crítica, que aí também, e certamente de maneira fundante, se encontra em ambos a presença de algumas vozes determinantes, como, para citar a mais evidente e marcante, a baudelaireana.

Há que se dizer também, desde logo, que o estilo de cada um lida de maneira diversa com esses elementos no seu fazer poético. Diga-se desde já que o humor e a ironia tracejadores da estética verdeana podem ser observados na de Augusto dos Anjos de forma muito diversa e bem peculiar, dada a natureza mesma desta, vincada por forte acirramento dos caracteres angústia e pessimismo. A personalidade, porém, é um aspecto comum aos dois poetas. O eu poético na sua poesia vai arquitetando toda uma estrutura poética que o situa como ponto central, a partir do qual tudo é observado. Autores, ambos, de um só livro. “O livro de Cesário Verde” e “Eu e outros poemas”, única obra de cada um, foram produzidos num andamento formal também muito semelhante, rimas clássicas tecidas por decassílabos predominantemente.

Talvez, o ponto mais distinto entre essas duas poéticas

esteja mesmo na linguagem. Os recursos expressivos de cada um são distintos essencialmente quando, sobremaneira, se observa o uso do léxico e os extratos morfo-semânticos. Afinal, Augusto dos Anjos empreende uma visão poética de caráter analítico-científico e filosófico do ser enquanto matéria orgânica estabelecida provisória e precariamente em um estado formal. Seja esse vegetal, animal ou o humano, do qual faz parte, e com o qual se ocupa fundamentalmente.

Outros, substancialmente diferentes, são os de Cesário Verde, pois, como já se disse, sua poesia trata da vida social quotidiana do homem e notadamente do homem português da cidade e do campo. Logo, neste, o analítico-“sociológico”, quase que se impõe como um recurso estilístico basilar para a concepção de sua poética.

Como se nota, há um conjunto de aspectos literários dignos de ser abordado num trabalho comparativo entre esses dois poetas bastante peculiares e díspares entre si, mas próximos em alguns pontos não menos dignos de serem considerados.

No que se refere à temática, há nada que os aproxima, praticamente. Contudo, a temática amorosa, como não podia deixar de ser, trabalhada pelos dois apresenta também um fato muito interessante quanto à questão aqui posta, ou seja, o da semelhança e dessemelhança.

Isto posto, pretende-se, então, desenvolver esse trabalho tomando como eixo organizacional alguns dos caracteres supramencionados, se não a maioria, os quais, na perspectiva da semelhança/dessemelhança, serão analisados, buscando-se, sempre, obviamente, na medida necessária, o cotejamento de poemas dos dois.

Antes, um pouco da leitura da crítica

Pelo que se pôde observar, a fortuna crítica dedicada a Augusto do Anjos é mais substancial que a dedicada a Cesário Verde. O “Eu e outras poesias”, em que pese o estranha-

mento, o impacto causado por sua linguagem, ou, provavelmente por isso mesmo, tem sido mais investigado e mais lido, tanto que REIS (1977), em excelente estudo feito sobre a produção poética de Augusto dos Anjos, aponta trinta e uma edições para essa obra até 1971.

A mesma sorte não teve “O Livro de Cesário Verde”, que não passou de algumas poucas edições, não, evidentemente, por se tratar de falta de qualidade, mas provavelmente porque este só ganhou estatus de grande poesia depois de acurados estudos, pois, ao contrário da “chocante” poesia de Augusto dos Anjos, numa leitura rápida e superficial, certamente, nada de muito novo e dissonante conseguiam perceber ali.

Tanto um quanto o outro passaram sua fugaz existência publicando esparsamente, em jornais, os seus poemas e somente Augusto dos Anjos os viu publicados em livro, pouco antes de morrer. Cesário Verde, um ano depois de sua morte, teve os poemas coligidos, organizados em livro, e publicados por seu amigo Silva Pinto, sob o título que até hoje ostenta.

Como uma espécie de epígrafe a esta parte, decidimos transcrever a “seção” do poema “O sim contra o sim” de João Cabral de Melo Neto, em que argutamente o poeta-crítico tece considerações sobre esses dois outros:

*Cesário Verde usava a tinta
de forma singular:
não para colorir,
apesar da cor que nele há.*

*Talvez que nem usasse tinta,
somente água clara,
aquela água de vidro
que se vê percorrer a Arcádia.*

*Certo, não escrevia com ela,
ou escrevia lavando:*

*relavava, enxaguava
seu mundo em sábado de banho.*

*Assim chegou aos tons opostos
das maçãs que contou:
rubras dentro da cesta
de quem no rosto as tem sem cor.*

*Augusto dos Anjos não tinha
dessa tinta água clara.
Se água, do Paraíba
nordestino, que ignora a Fábula.*

*Tais águas não são lavadeiras
deixam tudo encardido:
o vermelho das chitas
ou o reluzente dos estilos.*

*E quando usadas como tinta
escrevem negro tudo:
dão um mundo velado
por véus de lama, véus de luto.*

*Donde decerto o timbre fúnebre,
dureza da pisada,
geometria de enterro
de sua poesia enfileirada.*

Esta dicotomia entre as águas de vidro de banho de sábado e as águas não lavadeiras, que “*Quando usadas como tinta/ escrevem negro tudo*” essencializa, respectivamente o estilo poético de cada um desses poetas. E mais ou menos assim a crítica os apresentou em sua perquirição.

Em suas “Considerações introdutórias à vida e à obra de Cesário Verde”, publicadas no corpo de “O livro de Cesário Verde” (1989), António Capão, um dos estudiosos dessa obra,

diz que os motivos e inspirações de Cesário Verde advieram-lhe “da escola da vida e do dia a dia; entraram-lhe na alma através de todos os sentidos e a expressão saiu mais de seu intelecto do que da subordinação às exigências do coração.”

Em relação aos temas desenvolvidos por Cesário Verde, vê-os sob três pontos básicos: 1) quanto à questão social; 2) quanto à vida citadina; 3) quanto à vida no campo.

Quanto à questão social, a poesia de Cesário Verde, diz António Capão, contrasta a situação dos pobres e humildes com a dos ricos burgueses. Exemplo desse contraste podemos observar no poema “Humilhações”, do qual tomamos as duas primeiras e as duas últimas estrofes para evidenciar esse aspecto:

*Esta aborrece quem é pobre. Eu, quase Job,
Aceito os seus desdêns, seus ódios idolatro-os;
E espero-a nos salões dos principais teatros,
Todas as noites ignorado e só.
Lá cansa-me o ranger da seda, a orquestra, o gás;
As damas, ao chegar, gemem nos espartilhos,
E enquanto vão passando as cortesãs e os brilhos,
Eu analiso as peças no cartaz.*

(...)

*Saí; mas ao sair senti-me atropelar.
Era um municipal sobre um cavalo. A guarda
Espanca o povo. Irei-me; e eu, que detesto a farda
Cresci com raiva contra o militar.
De súbito, fanhosa, infecta, rota, má,
Pôs-se na minha frente uma velhinha suja,
E disse-me, piscando os olhos de coruja:
Meu bom senhor! Dá-me um cigarro? Dá?...*

Esses dois trechos do poema demonstram o problema ricos/burgueses por um lado e pobres/humildes por outro, num grau de complexidade muito maior do que a clichéizada dicotomia estabelecida faz saber. Basta observar que o eu poemático se coloca pobre/humildade ante às cortesãs. E já não o é

ante à velhinha suja que lhe pede um cigarro. É interessante o fato de que, de maneira surpreendente, disfórica, não deixa de dizer que aquela velhinha, conquanto pobre, seja infecta, rota, e, mais surpreendente ainda, má.

Este, parece-nos, é um traço marcante da poética de Cesário Verde. Mesmo quando, aparentemente, apresente-se condoído ao se deparar com situação semelhante, o eu poemático apenas constata e analisa o fato. Como salientou António Capão, a expressão sai mais de seu intelecto do que das exigências do coração. É o que se percebe no poema “Contrariedades”. Aqui, o seu “sofrimento” passageiro, em decorrência de uma contrariedade, que lhe provoca um mau-humor, à vista da não publicação de um seu poema pela imprensa, é correlacionado com o de uma tísica, cuja existência o acaso de uma janela aberta lhe lembra. Passado o mau-humor, já não sofre. Contudo o da tísica, duradouro, sem remédio, permanece. Daí ela ser um pobre diabo:

*Eu hoje estou cruel, frenético, exigente
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei três maços de cigarros
Consecutivamente*

(...)

*Sentei-me à secretária. Ali defronte mora
Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;*

*Sofre de faltas d'ar; morreram-lhe os parentes
E engoma para fora.*

(...)

E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?

*A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?
Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia...
Que mundo! Coitadinha!*

Capão, certamente, quando se refere à vida citadina, o

faz atendo-se num dos pontos nucleares da poesia de Cesário Verde: a minuciosa e percuciente observação do quotidiano da cidade, onde a vida humana se desenrola de forma bastante contraditória. Gritantes contrastes perfilham em toda a sua ambiência. E se expõem numa convivência aberta, concomitante e aparentemente, pelo menos, natural. Diz ele, quanto a essa linha temática:

...observação de quadros da cidade, em que as pessoas se agitam quotidianamente nas tarefas prementes e necessárias à preservação da sua existência e dos seus. Na fixação dos elementos de cada quadro, além dos humanos, impõem-se os objectos e as coisas com uma força integradora de tal modo evidente que o movimento febril, a cor viva e os sons familiares se tornam fundamentais na captação e na objectivação do real. (VERDE, 1989, p. 18)

E, sem dúvida, o melhor exemplo disso provém do mais notável do seus poemas. Trata-se de “O Sentimento Dum Ocidental”. Qualquer estrofe de qualquer parte desse primor de obra poética que se tome servirá muito bem para que se exemplifique esse aspecto. Contudo, já que se pretende consignar um exemplo, arriscamos tomá-lo da sua terceira parte, “Ao gás”. São três estrofes que entendemos de certo modo sintetizar a panorâmica, mas também minuciosa visão da cidade sob a noite, desde seu início até o seu término.

*E saio. A noite pesa, esmaga. Nos
Passeios de lajedo arrastam-se as impuras.
Ó moles hospitais! Sai das embocaduras
Um sopro que arre pia os ombros quase nus.*

(...)

*As burguezinhas do Catolicismo
Resvalam pelo chão minado pelos canos;
E lembram-me, ao chorar doente dos pianos,
As freiras que os jejuns matavam de histerismo.*

*Num cuteleiro, de avental, ao torno,
Um forjador maneja um malho, rubramente;
E de uma padaria exala-se, inda quente,
Um cheiro salutar e honesto a pão do forno.*
(...)

*Longas descidas! Não poder pintar
Com versos magistras, salubres e sinceros,
A esguia difusão dos vossos reverberos,
E a vossa palidez romântica e lunar!*

Por fim, o terceiro aspecto temático apontado por António Capão, a vida no campo é também por ele tecida pelo mesmo fio de estilo. A arguta observação-crítica vai desenhando uma simples, rude, grosseira mesmo, vida no campo, mas incomparavelmente mais saudável que a da cidade, vão nos dizendo os poemas nos quais o eu poemático se deixa transparecer inteiramente simpátizante dessa causa. É ainda Capão quem nos diz que:

Ainda sem fugir à realidade, o autor (Cesário Verde) procura dar-nos também, por oposição à vida citadina, um conjunto de quadros da vida rural que reputamos de elevadíssimo valor. Não se trata de meras fotografias de turista que passa e tenta fixar actos, factos e paisagens seleccionados para lembrança e recreações futuras. Cesário prova que, mais do que isso, conhece o campo, as pessoas e os seus comportamentos exteriores com toda a sua simplicidade rústica mas atraente, e os trabalhos duros mas sadios que as ocupam incessantemente. (VERDE, 1989, p. 19)

E se “Sentimento dum Ocidental” tem os olhos do eu poemático circunscritos à cidade, “Nós”, esse outro primor da poética verdeana os tem voltados para o campo. E sempre é oportuno lembrar que a poesia de Cesário Verde é essencialmente uma arguta descrição crítica. A observação, a análise, como queria a ciência do seu tempo, mas também

a crítica ácida respaldada pelos universais valores humanos. Isto pode muito bem ser observado tanto num quanto noutra poema. Como de resto, em toda a sua obra.

Tomemos, então, também ao acaso, como exemplo dessa incursão crítica pelo campo, algumas estrofes de “Nós”. Importa ressaltar que o poema, o mais extenso do livro, representa uma longa recordação do campo no tempo em que nele vivera o eu poemático e o compara com o tempo de seu presente que, a seu ver, está completamente desvalorizado.

*Que de frugalidades nós criamos!
Que torrão espontâneo que nós somos!
Pela outonal maturação dos pomos,
Com a carga, no chão pousam os ramos.*
(...)

*A impressão doutros tempos, sempre viva,
Dá estremeções no meu passado morto,
E inda viajo, muita vez, absorto,
Pelas várzeas da minha retentiva.*

*Então recordo a paz familiar,
Todo um painel pacífico d'enganos!
E a distância fatal duns poucos d'anos
É uma lente convexa, d'aumentar.*

SARAIVA e LOPES (1975) dizem que o poeta Cesário Verde é a expressão poética superior da pequena burguesia irreligiosa e republicana lisboeta do seu tempo. É também uma reação à “insinceridade piegas”, valendo-se de procedimento literário semelhante ao de João Penha: “autonegação de uma poesia sentimental por um desfecho burlesco.” Ter encontrado o tom natural à poesia foi seu mérito principal, vencendo uma alternativa poética ultra-romântica entre o piegas e o grotesco. É Cesário Verde, arrematam os autores, o único do

grupo realista que supera de fato a herança romântica. Também eles entendem que essa poesia está voltada para os elementos compositores da vida lisboeta: a miséria, a opulência, as minudências dos afazeres, a cor local com detalhes de impressões pessoais são os verdadeiros motivos dos poemas de Cesário Verde. Entendem que, como os demais críticos, o vocabulário e o tom da linguagem coloquial urbana num ritmo fluente, embalante, são poeticamente valorizados.

Trilhando por caminhos aproximados aos dos dois críticos comentados vão as considerações de MOISÉS (1984). Aponta a decisiva influência de Baudelaire em Cesário Verde, sobretudo ao assimilar a postura lírica daquele em face da realidade. Consigna à poesia deste, caracteres estilísticos que serão marcantes em períodos literários posteriores, conquanto mantenha-se uma poesia ainda comprometida com o Realismo português. Afirma também que o modo esquemático com que a realidade é percebida pela poesia dos seus contemporâneos é quebrado pela poesia de Cesário Verde, principalmente pela imposição de notas tidas como estranhas e quase delirantes. Considera que esse realismo só aparentemente é fotográfico, vez que é profunda e exclusivamente interior ao identificar-se com a consciência e a sensibilidade. Portanto, objetividade e subjetividade fundem-se numa só entidade, diz ele, tocando, sem explicitar claramente, num dos traços fundamentais dessa poesia verdeana: a dualidade.

COELHO (1987), ao estudar Cesário Verde, vai pela esteira dos demais críticos aqui citados, quando afirma ser uma poesia de alta plasticidade, inspirada pelo concreto, revelando com precisão as circunstâncias da vida portuguesa. Cita, como exemplo, o que dissera Cesário Verde ao seu amigo Silva Pinto, quanto a isso: “*A mim o que me rodeia é o que me preocupa.*” E conclui:

A sua poesia é a de um artista plástico enamorado do concreto, que deambula pela cidade ou pelo campo e descreve de modo vivo, exacto, as suas experiências. Esta objectividade antilírica da sua obra poética não impede to-

davia a expressão, embora discreta, de idéias e sentimentos que definem o homem situado: o amor da actividade útil, saudável; o respeito pela ciência positiva do seu tempo; a confiança no progresso; a solidariedade com os humildes, vítimas das injustiças sociais. (COELHO, 1987, p. 1140)

Como se disse, Augusto do Anjos, certamente, dada essa sua singularidade: uma espécie de primado do feio sobre o belo, o bonito, num período em que ainda a dominante era justamente uma poética da plasticidade, do belo, não obstante o Simbolismo já figurasse como uma poesia significativamente dissonante, tornou-se um poeta incomodativo, logo, menosprezado, por isso visto como um caso aberrante da poesia a ser considerado marginalmente. É o que se pode depreender dos estudos feitos sobre o poeta, conquanto essa crítica seja unânime em o ter na conta de um poeta extraordinário.

Já dissemos que em relação a Augusto dos Anjos a fortuna crítica é mais vasta. Logo, seria despropositado, sobretudo dada a natureza deste trabalho, empreender exaustiva incursão por ela. Assim, deliberamos ater-nos em três estudiosos contemporâneos e indiscutivelmente reconhecidos.

Começemos por BOSI (1973). Para ele, o esteticismo da poesia de Augusto dos Anjos se centra fundamentalmente em dois aspectos: na dimensão cósmica e na angústia moral. Quanto à primeira, diz que:

Augusto dos Anjos centrava, de modo obsedante, no ser humano, todas as energias do universo que se teriam, portanto, encaminhado para a construção desse mistério, que é o 'eu'. O materialismo evolucionista de Haeckel parece encontrar sua transcrição poética em versos como estes:

*"Eu, filho do carbono e do amoníaco"
(Psicologia de um Vencido)*

*“De onde ela vem?! De que matéria bruta
Vem essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas críptas misteriosas
Como as estalactites de uma gruta?!
Vem da psicogenética e alta luta
De feixe de moléculas nervosas,
Que, em desintegrações maravilhosas,
Delibera, e, depois, quer e executa!”*

(A Idéia)

Quanto à expressão e à forma, o que se depreende em Bosi, além de afirmar que “*um inventário minucioso apontaria as múltiplas formas forjadas pelo poeta para criar efeitos de paradoxo e de paroxismo, pois o contraste e a hipérbole são os pilares de sua expressão convulsa*” (p.50), (o itálico é nosso), é que a uma poesia em que as dimensões cósmica e moral enformam as idéias, necessário e justo é que a linguagem as espelhe. Assim é que sua angústia obsedante se traduz, de forma dramática e eloqüente, em palavras científicas e termos técnicos; em versos decassílabos e em estrofes formais, com o predomínio do soneto, afinal o agrilhoamento a que se vê condenado o ser: alma presa ao corpo, corpo, presa da putrefação e do nada, fica assim esteticamente bem configurado.

Mas o crítico entende que, não obstante essa condição meio que fatalista do Evolucionismo na concepção poética de Augusto dos Anjos, a obsedante angústia letal, ante a fatalidade que conduz irreversivelmente o ser para a decomposição, para o nada, já é menos uma ação do pensamento de Haeckel e Spencer que a presença influente de uma visão existencial do “*alto pessimismo romântico de Arthur Schopenhauer, que identifica na vontade de viver a raiz de todas as dores e de todos os males.*”. “*Funde-se a visão cósmica com o desespero radical, produzindo esta poesia violenta e nova em nossa língua.*” (p.45)

Para o poeta do Eu, as forças da matéria, que pulsam em todos os seres e em particular no homem, conduzem

ao Mal e ao Nada, através de uma destruição implacável; e ele é o espectador em agonia desse processo degenerescente cujo símbolo é o verme:

*“Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,
Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade orgânica da terra!”
(Psicologia de um Vencido)*

*“Almoça a podridão das drupas agras,
Janta hidrópicos, rói vísceras magras
E dos defuntos novos incha a mão...*

*Ah! Para ele é que a carne podre fica,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção!”*

(O Deus-Verme)

(BOSI, 1973, p. 46-7)

Ivan Cavalcanti Proença, em um ensaio para uma antologia poética de Augusto dos Anjos, organizada e publicada pela Folha de S. Paulo (ANJOS, 1997), inicia dizendo que, embora elaborasse uma poesia praticamente confeccionada em decassílabos, o poeta não tinha maiores preocupações com a forma, já que sua obsessão centrava-se na angustiante idéia do ser que é nada, que nunca chega a realizar-se, pois que está condenado à fatalidade do nada, que é a morte.

Nessa perspectiva, entende ele que a reiteração dessa idéia perpassa toda a obra inscrita por algumas palavras e expressões cujos semas remetem ou associam-nas a *verme*, *morte* e *decomposição*, signos que talvez melhor contenham e resumam a angustiante constatação do eu poemático diante da existência.

Uma outra importante constatação feita por Proença diz

respeito à metapoesia praticada por Augusto dos Anjos. Segundo ele, o poeta crê na sobrevivência de sua poesia e, mais, a tem como uma espécie de consciência dos homens perante as dores que lhes provoca a existência:

No entanto, nesta alma e em sua poesia, veremos que não importa a ele o corpo destruído, nem o verme que o espera, a putrefação ou a mosca alegre. Nada. O que lhe importa é a própria poesia que considera eterna. Assim, quando diz:

*Tome, doutor, esta tesoura, e...corte
Minha singularíssima pessoa
Que importa a mim que a bicharia roa
Todo o meu coração, depois da morte?!*

.....
*Mas o agregado abstrato das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizer no mundo!
(Budismo moderno)*

De fato, ele crê na sua poesia. Crê curiosa e angustiosamente na sobrevivência da alma. [...] Os versos são justamente as grades que contêm uma idéia aprisionada. [...] O poeta considera-se um intérprete do mundo, das dores – de tudo que é necessário chorar nessa angústia do próprio mundo. Quando admite: “Homem... tudo só tens um direito: – o de chorar!” “Esse homem é ele próprio, e porque é ele próprio, recebe a ressonância de todas as dores. Também sente-se o arauto do universo, aquele que deve transformar em mensagem o sofrimento do mundo. E arremata: “Uma vontade absurda de ser Cristo,/ Para sacrificar-me pelos homens.” (ANJOS, 1997, p. 36-38)

Vale salientar ainda, em relação aos estudos de Cavalcanti Proença, a afirmativa de que a poesia de Augusto dos Anjos deliberadamente transgride a estética literária de seu tempo com sua linguagem insólita, “grotesca” e de “mau-gosto”, criando imagens

e cromatismos em nada parnasianos, ou mesmo simbolistas:

Pacífico, que Augusto rompeu com sua época, distante que ficou dos moldes parnasianos ou simbolistas. Ao nível da forma desprezou caminhos do rigor formal, tal sua “displicência”, sua indiferença e “desleixo” em presença daquele culto à forma. Em campo conteudístico, derrubou ou violentou conceitos estratificados, desestruturando-os inclusive quanto ao “bom gosto” de temas e ideário poéticos. Aí estava já, um esboço da (de uma) profissão-de-fé Modernista. (ANJOS, 1997, p. 47)

Agregue-se aí a arguta percepção do crítico ao observar que o poeta do Eu, solitário, pode muito bem ser visto como o poeta do Nós e solidário. Retomando o fato de que o poeta coloca-se como uma espécie de arauto do universo, porta-voz dos homens,

...favorecendo aquela purificação, aquela catarse que, segundo Lukács, seria um espécie de missão da Literatura como provocadora de reflexões e tensões, em torno do (entre) cotidiano e ‘clima’ da obra, sem cair, porém, em “sociologismos” de encomenda ou de momento. O eu do poeta, ou o poeta do eu passa a ser o nós do poeta, ou o poeta do nós. Uma vontade absurda de ser Cristo para sacrificar-se pelos homens (Solidariedade que se estende aos carneiros: “Misericordiosíssimo carneiro/Esquartejado, a maldição de Pio/Décimo caia em teu algoz sombrio/E em todo aquele que for seu herdeiro!//Maldito seja o mercador vadio/Que te vender as carnes por dinheiro,//Pois, tua lâ aquece o mundo inteiro/E guarda as carnes dos que estão com frio!”). Dar-se-á o grito de quem, de repente descobre que os cárceres devem ser rompidos, cabendo a nós o raciocínio em presença do grito e do Infinito do poeta:

“Súbito, arrebatando a horrenda calma

*Grito, e se grito é para que meu grito
Seja a revelação deste Infinito
Que eu trago encarcerado na minha alma.”*

O grito de quem carrega a dor da própria humanidade:

*“Continua o martírio das criaturas:
– O homicídio nas vielas mais escuras
– O ferido que a hostil gleba atra escrava,
– O último solilóquio dos suicidas –
Eu sinto a dor de todas essas vidas
Em minha vida anônima de larva!”*

*E não importou a ele nem a certeza de que ficou sozinho:
grito que não encontrou ressonâncias:*

*“Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto.!”*

Por fim, vejamos as argutas observações que ROSENFELD (1969) desenvolve com vigor e rigor em seu sintético e denso ensaio “A Costela de Prata de A dos Anjos”. Já as considerações iniciais do crítico sobre essa poesia, são bastante originais e inquietantes:

Ao ler-se os poemas de Augusto dos Anjos, o que de imediato chama a atenção é naturalmente a sedução dir-se-ia erótica que sobre ele exercem os termos científicos. Termos de certa forma exóticos (ainda que não se trate, no contexto da língua portuguesa, propriamente de estrangeirismos), de modo que se pode falar, usando uma expressão de Theodor Wiesengrund Adorno, de uma espécie de “exogamia lingüística”. (ROSENFELD, 1969, p. 259)

A exemplo de Bosi e Proença, Rosenfeld detectará a marca baudelaireana na articulação do “feio”, do “horroroso” nas

imagens hauridas da podridão, do verme, do necrotério, do grotesco, tanto na exótica constância da rima esdrúxula, quanto no presumível impacto de rimas paradoxais. Haja vista, como um simples exemplo dessa construção, a rima entre as palavras apostema e Iracema apontada pelo próprio Rosenfeld. Assim que, segundo o crítico, unem-se e se opõem nessa poesia o impulso lírico e o científico. Também aponta as influências de Schopenhauer como mais marcantes que as de Haeckel e Spencer.

Também Rosenfeld, de maneira muito peculiar e arguta, aponta a transgressão poética como uma manifesta oposição à literatura em vigor:

Essa poesia sadomasoquista lança o desafio do radicalmente feio à face do pacato burguês, desmascarando, pela deformação hedionda, a superfície harmônica e açucarada de um mundo intimamente podre. Não só o ser humano, também a palavra e a metáfora tradicionais desintegram-se ante o impacto dessa poesia. Surge, ao lado da montagem do termo técnico no contexto da língua tradicional – a dissociação pelo lingüísticamente heterogêneo – uma metafórica grotesca, “marinista”, que opera com o incoerente. No mundo de Augusto dos Anjos, mundo em que o verme é o operário das ruínas e em que o próprio ar se desagrega, o luar já não é dos namorados, visto ser “da cor de um doente de icterícia”; a lua, “paralelepípedo quebrado”, é cercada de astros que reduzem “os céus... a uma epiderme de sarampo”. (ROSENFELD, 1969, p. 261)

Rosenfeld, em seu ensaio, estabelece uma proximidade entre a poesia de Augusto dos Anjos e a dos poetas alemães Gottfried Benn, Georg Heym e Trakl, os quais, de linha expressionista, produziram uma poesia numa perspectiva e concepção bastante afinadas com a do nosso poeta. E entende ele que A dos Anjos certamente não chegara a conhecer o Expressionismo, mas que elaborou uma poética como que norteadas por aquele.

Semelhanças/dessemelhanças

À vista do que aí fica posto como síntese do que disse a crítica sobre esses dois poetas, e a partir de um cotejamento de leitura feita de “O Livro de Cesário Verde” e de “Eu e Outras Poesias”, intentamos delinear uma permeação entre essas duas poéticas, sem nenhuma pretensão de analisar à exaustão cada uma dessas obras, o que não é o propósito desse nosso trabalho, mas sim demonstrar que há significativas proximidades entre duas poéticas, de pronto tidas como bem diferentes.

Cesário Verde forma-se em meio a um clima e uma ambientação cultural e literária edificados pela denominada Geração de 70. Esta busca na Europa, desenvolvia modelos de modernidade. Logo, a crítica, o deboche ao tradicionalismo místico, metafísico, anticientífico, valendo-se da ironia, do sarcasmo, de postulados combativos, vão configurar um estilo literário. A seu modo, Cesário Verde é um poeta que se alinha a esse procedimento literário, ou seja, vale-se desses recursos, destoando, contudo, num ponto canônico, aos parnasianos de seu tempo: a denominada isenção do eu poemático no texto. Objetivamente, o poema deveria eximir-se das marcas daquele. Cesário Verde, ao contrário, consigna sua personalidade. No entanto, diferentemente do que pressupunham os parnasianos pudesse acontecer, ele o faz vinculando a subjetividade do eu poemático à tensão vivenciada pelo outro. Portanto, o sujeito poético está constantemente a problematizar um universo social do qual não se imiscui, e tampouco elege-se ponto centrípeto do mesmo. Acrescente-se que esses aspectos evidenciam-se ainda mais pela constância do paradoxo como outro impescindível recurso estilístico seu. Vejamos de “Flores Venenosas”, segunda parte ou seção do livro assim denominada, um exemplo desses pontos:

(...)

*Como ela marcha! Lembra um magnetizador.
Roçavam no veludo as guarnições das rendas;
E, muito embora tu, burguês me não entendas,*

Fiquei batendo os dentes de terror.

(...)

Saí; mas ao sair senti-me atropelar.

Era um municipal sobre um cavalo. A guarda

Espanca o povo. Irei-me; e eu, que detesto a farda

Cresci com raiva contra o militar.

De súbito, fanhosa, infecta, rota, má

Pôs-se na minha frente uma velhinha suja,

E disse-me, piscando os olhos de coruja:

— Meu bom senhor! Dá-me um cigarro? Dá?...”

(*Humilhações*)

Em Augusto dos Anjos, como se pôde ver através da crítica, a formação consubstanciada pelo Evolucionismo e pela filosofia do negativismo, do pessimismo schopenhaueriana radicala seu pensamento, suas idéias. Toda a poesia dele é edificada por essa concepção de mundo e de vida. Daí que, assim considerada, têm razão alguns críticos em considerá-la uma poesia de linhagem filosófico-cientificista, vez que é sob uma profunda e radical formação schopenhaueriana, haecheliana, spenceriana que se embasa sua poética. Então, como também já se disse, essa “extravagância”, “maluquez” aos olhos da tradicional e conservadora literatura de seu tempo seria já suficiente para o destacar como um transgressor da mesma.

Contudo, vê-se que as transgressões da poesia de Augusto do Anjos dão-se sob muitas formas. Dentre elas as apontadas a Cesário Verde acima. A começar pelo que, talvez, mais os aproxima, o paradoxo. Certamente aplicado em grau elevadíssimo por Augusto do Anjos, mais intenso que naquele, verdadeiros oxímoros, já disseram.

Entretanto, não é menos o tratamento dado à personalidade, ao subjetivismo. Aí tem com Cesário muita afinidade. Seu “eu” está com os outros, é o dos outros. E não se diga que, afinal, falta-lhe, poeta obsecado com a putrefação da matéria, a crítica social e o mordaz da ironia. Pois entendemos que nem

mesmo isso lhe falta:

O paradoxo:

(...)

*Ah! Dentro de toda a alma existe a prova
De que a dor como um dardo se renova,
Quando o prazer barbaramente a ataca...*

.....
*Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,
Abranda as rochas rígidas, torna água
Todo o fogo telúrico profundo*

.....
Provo desta maneira ao mundo odiento

.....
*Que a mais alta expressão da dor estética
Consiste essencial na alegria.*

(...) (Monólogo de uma Sombra)

A solidariedade:

(...)

*Maldito seja o mercador vadio
Que te vender as carnes por dinheiro,
Pois, tua lâ aquece o mundo inteiro
E guarda as carnes dos que estão com frio!*

(...) (A um Carneiro Morto)

*Sofro aceleradíssimas pancadas
No coração. Ataca-me a existência
A mortificadora coalescência
Das desgraças humanas congregadas!*

(...)

*Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto!*

(O Poeta do Hediondo)

A questão social:

*A minha ama-de-leite Guilhermina
Furtava as moedas que o Doutor me dava.
Sinhá-Mocinha, minha Mãe, ralhava...
Via naquilo a minha própria ruína!
...(...)*

*Furtaste a moeda só, mas eu, minha ama,
Eu furtei mais, porque furtei o peito
Que dava leite para tua filha!”*

(Ricordanza della mia Gioventú)

A sutil ironia. Entendemos que, por incrível que possa parecer, a ironia mordaz em relação à miserável condição humana e dos seres em geral, aqui e acolá insurge-se mesmo como um escape do rigor do radicalismo de profunda reflexão filosófico-evolucionista que conduz à miserabilidade, à dor e ao sofrimento. No terceiro soneto dos dedicados à agonia e morte do pai, no qual constata a presença da morte, o eu poemático, num jogo verbal irônico em relação ao hábito e à convenção social em momentos desses, em vez de meu pobre pai diz, no verso inicial, “*Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra*”. A nosso ver, a ironia pode ser ainda vislumbrada em:

*(...) Ah! Para ele é que a carne podre fica,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção!
(O Deus-Verme)*

Mais um exemplo nesse passo de um poema de *Versos de Circunstância*, muito posteriormente a toda a obra até então publicada, dada a público. O poeta ainda assina com pseudônimo. Esse leva o autógrafo de Petronius:

*Em sua obesidade soberana
De gordalhufo senador do Império
Há uma concentração de Buda sério*

Meditando, alta noite, no Nirvana.

*Se a pernosticidade atual se dana
Ele, como Calígula e Tibério,
Tem vontade de pôr no cemitério
Todos os monstros da sandice humana.
(...) (M. Hip.)*

Poetas a seu talante, transgredindo ou ignorando o seu meio literário, mergulharam em seu fazer poético e por ele se conduziram. Se, em verdade, algum ponto comum houve entre eles e o estilo de época de seu tempo, certamente o foi porque eram homens e poetas daquele tempo e espaço históricos.

O prosaísmo, predominante nos versos de ambos, dá-lhes o andamento mais adequado para a expressão do que empreendem dizer. E diga-se, no traço do contrastante que lhes é próprio, versos prosaicos, conquanto formais. O que os prende de certo modo à mentalidade parnasiano-simbolista, mas também os projeta numa pré-enunciação modernista que virá.

Por um lado, em Cesário Verde, versos soltos, fluidos, tratando da vida quotidiana, contraditória, prazerosa, sofrida dos homens ricos, pobres e miseráveis. Os burgueses e burguesas, operários, artistas, varinas, costureiras, floristas, soldados, camponeses. Tudo descrito pormenorizada e minuciosamente, situado num espaço citadino e campesino devidamente demarcados e igualmente descritos. Versos em que pululam cores, odores, emoções. Versos que retratam o viço, o vigor da vida e da labuta pela mesma.

Por outro, versos assim-também, mas tratando da impossibilidade de plenitude da vida. Tudo é dor, sofrimento, apodrecimento, decomposição. Em Augusto do Anjos, inversamente ao que se dá com Cesário Verde, o que viceja é a morte. E mais, ao contrário do tom ameno, complacente numa modulação de pacificidade predominante, uma ou outra vez quebrada por passageira irritação, que por sua vez é dispersa pela ironia:

*Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei três maços de cigarros
Consecutivamente
(...)*

*Perfeitamente, vou findar sem azedume.
Quem sabe se depois, eu rico e noutros climas,
Conseguirei reler essas antigas rimas,
Impressas em volume?
(Contrariedades)*

Em Augusto dos Anjos a tensão radica-se na dramaticidade. Tudo em sua poesia tem o traço do trágico. Sua expressão ampara-se constantemente na hipérbole com a qual dá a tudo aquela dimensão. E tudo é tão desconcertante e extraordinário que pouco consegue afigurar-se numa referencialidade do plano físico. O universo ideal, e real, é o metafísico, que se projeta imaginativamente, ou através de sonhos, devaneios ou desvarios. Como observamos, toda a obra radicalmente se estrutura dessa forma. No entanto, tomamos um exemplo, procurando evitar poemas consagrados e ontológicos:

*Estou sozinho! A estrada se desdobra
Como uma imensa e rutilante cobra
De epiderme finíssima de areia...
E por essa finíssima epiderme
Eis-me passeando como um grande verme
Que, ao sol, em plena podridão, passeia!
(...)
E a treva ocupa toda a estrada longa...
O Firmamento é uma caverna oblonga
Em cujo fundo a Via-Láctea existe.
E como agora a lua cheia brilha!
Ilha maldita vinte vezes a ilha
Que para todo o sempre me fez triste!
(A Ilha de Cipango)*

Não obstante estas acentuadas dessemelhanças, em que se evidenciam caracteres fundamentais da poesia de cada um, buscamos apontar ainda algumas outras semelhanças nessas duas poéticas. Prosseguimos, para dar seqüência ao que nos referimos acima, a tratar da questão formal e expressiva. Como dissemos, o tom discursivo observável nos versos dos dois poetas presta-se, para cada um, ao estabelecimento das suas significações. Contudo não se desprendem de alguns formalismos. Ficou também consignado na introdução que há em ambos um predomínio do decassílabo. Acrescentemos que esse verso em Augusto dos Anjos é praticamente uma exclusividade. Já em Cesário, talvez mais marcado pelo Parnasianismo do que aquele, a freqüência do dodecassílabo também é marcante.

Quanto à rima, ambos valem-se dos esquemas clássicos tradicionais, sendo que, vezo parnasiano ou não, não desgostam do preciosismo e do raro. Cesário Verde, por exemplo, em “Humilhações”, utiliza na primeira estrofe a rima a-b-b-a, que se realiza em *Job/idolatro-os/teatros/só*; na terceira estrofe rima *Feuillet* com *coupé*. No poema “Flores Velhas”, em esquema rímico a-b-a-b, na primeira estrofe rima *beijou* com *voo* (sic); na nona estrofe, *luar* com *toucar*; na décima nona, *trouxe* com *doce*; na vigésima primeira, *roxas* com *frouxas*. Estes últimos exemplos servem inclusive para atestar ainda mais o prosaísmo de seus versos.

Em Augusto dos Anjos. No poema “As Cismas do Destino”, na oitava estrofe, o poeta rima *escalpelos* com *vitellus*; na vigésima terceira, *infelizes* com *hemoptísis*; na vigésima nona estrofe, rima *Vinci* com *lince*; na trigésima nona, *distingo-a* com *língua*; na quadragésima terceira, *cinge-as/carolíngias*, *vence-O/silêncio*; na septuagésima oitava, *fresca* com *rembrandtesca*; na seguinte, *Osíris* com *arco-íris*; na nonagésima, *spenceriana* com *humana*; na centésima primeira, *endecha* com *queixa*. O preciosismo da rima leva Augusto do Anjos no célebre poema “Monólogo de uma Sombra”, na décima quarta estrofe, a efetuar esta rima: “*toma conta do corpo que apodrece.../ No cadáver mal-são, fazendo um s.*” Isto parece-nos suficiente para demonstrar

esse gosto pelo preciosismo da rima também em Augusto dos Anjos. Saliente-se ainda como outro elemento exemplificador desse fato a constância das rimas esdrúxulas. Alguns dos exemplos de rima acima explicitados também contribuem para demonstrar aquele prosaísmo dos versos do poeta.

Dois pontos mais julgamos interessantes ainda aqui explicitar como procedimentos poéticos em que se assemelham. O primeiro diz respeito ao metapoema. Ambos referiram-se à sua expressão poética. Cesário Verde, sempre considerando-a limitada para difundir a plenitude do que lhe gera e lhe provoca a tensão estética, ou às voltas com as dificuldades da difusão de seus poemas, em "Ao Gás", subtítulo à terceira parte do poema "O Sentimento dum Ocidental", diz na quinta estrofe:

*E eu que medito um livro que exacerbe.
Quisera que o real e a análise mo dessem;*

E na estrofe seguinte do mesmo poema lê-se:

*Longas descidas! Não poder pintar
Com verso magistrais, salubres e sinceros,
A esguia difusão dos vossos reverberos,
E a vossa palidez romântica e lunar!*

No longuíssimo e extraordinário "Nós", em que, a pretexto de exaltar a vida campesina, enquanto lamenta a perda da irmã tísica, praticamente todos os problemas da existência do homem são tocados, também a referência à poesia tem lugar. Nesses versos, como se observa em outros, sua disídia com os "donos das letras, da cultura" de novo se inscreve:

*Para alguns são prosaicos, são banais
Estes versos da fibra succulenta;
Como se a polpa que nos dessedenta
Nem ao menos valesse uns madrigais!*

No poema "Flores Velhas", lê-se:

*Eu por não ter sabido amar os movimentos
Da estrofe mais ideal das harmonias mudas,
Eu sinto as decepções e os grandes desalentos
E tenho um riso mau como o sorrir de Judas.*

Lê-se ainda em “Num Bairro Moderno”:

*Subitamente, – que visão de artista! –
Se eu transformasse os simples vegetais,
A luz do sol, o intenso colorista,
Num ser humano que se mova e exista
Cheio de belas proporções carnaís?!*

No poema “Contrariedades”, para pôr fim a essa já longa exemplificação, mal-humorado, o eu poemático, às voltas com os obstáculos interpostos à difusão de seus poemas diz:

(...)
*O obstáculo estimula, torna-nos perversos;
Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,
Por causa dum jornal me rejeitar, há dias,
Um folhetim de versos.*

*Eu nunca dediquei poemas às fortunas,
Mas sim, por deferência, a amigos ou a artistas.
Independente! Só por isso os jornalistas
Me negam as colunas.*

(...)
*A adulação repugna aos sentimentos finos;
Eu raramente falo aos nossos literatos,
E apuro-me em lançar originais e exactos,
Os meus alexandrinos...*

Vejam agora como Augusto dos Anjos lidou com a metapoesia. O que nos parece indiscutível é que, para ele, a poesia, uma manifestação artística, tinha mesmo aquela fun-

ção preconizada por Schopenhauer. Para este a dor é o estado natural do homem e o fim da natureza. Para livrar-se disso, dispunha o homem de três possibilidades. Uma delas seria a arte. Através desta, o artista, ao expressar a beleza, desprende-se dos desejos martirizantes da vida. Entretanto, deve-se consignar que também neste poeta é perceptível a angústia de perceber o verso incapaz de traduzir a emoção estética que o pensamento quer instaurar. Vamos aos exemplos.

Em “Budismo Moderno” lê-se:

*Dissolva-se, portanto, minha vida
Igualmente a uma célula caída
Na aberração de um óvulo infecundo;
Mas o agregado abstrato das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizer no mundo!*

“O Martírio do Artista” é um soneto que todo ele trata dessa questão. Mas transcrevamos somente a primeira e última estrofes:

*Arte ingrata! E conquanto, em desalento,
A órbita elipsoidal dos olhos lhe arda,
Busca exteriorizar o pensamento
Que em suas frontais células guarda!
(...)
Febre de em vão falar, com os dedos brutos
Para falar, puxa e repuxa a língua,
E não lhe vem à boca uma palavra!*

Em “Gemidos de Arte” se pode ler na penúltima estrofe:

*Súbito, arrebatando a horrenda calma,
Grito, e se grito é para que meu grito
Seja a revelação deste Infinito
Que eu trago encarcerado na minh'alma!*

Por fim, em “O Poeta do Hediondo”:

(...)

*Em alucinatórias cavalgadas,
Eu sinto, então, sondando-me a consciência,
A ultra-inquisitorial clarividência
De todas a neuronas acordadas!*

(...)

*Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto!*

O aspecto pelo qual, por último, pretendemos estabelecer uma proximidade entre os dois poetas é a temática amorosa. Também eles, como todo poeta, não se eximiram de falar de amor. Quanto a esse ponto, poderíamos dizer que a ascese filosófico-poética de Augusto dos Anjos ao amor sensual, carnal, devota todo o esconjuro possível. A concupiscência é já uma decomposição corpórea. Em “Versos de Amor”, lê-se:

*Porque o amor, tal como eu o estou amando,
É espírito, é éter, é substância fluida,
É assim como o ar que a gente pega e cuida,
Cuida, entretanto, não o estar pegando.*

*É a transsubstanciação de instintos rufes,
Imponderabilíssima e impalpável,
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos açudes!*

Portanto, a relação amorosa corpórea é vista schopenhauerianamente pelo eu poemático como uma degradação da matéria. Com isso, na verdade, o que se tem é uma negação das possibilidades de realização do amor, que apenas subsistiria num plano, improvável, da transsubstanciação do ser.

E o modelo desta degradação amorosa é a hetaíra, a metretiz. Aliás, Augusto dos Anjos talvez tenha escrito o maior

poema em língua portuguesa em que toda a ira e impreciação dessa formação moral contra o meretrício esteja formulada. Trata-se justamente de “Meretriz”. Vejamos alguns versos:

(...)
*É a meretriz que, de cabelos ruivos,
 Bramando, ébria e lasciva, hórridos uivos
 Na mesma esteira pública, recebe,
 Entre farraparias e esplendores,
 O eretismo das classes superiores
 E o orgasmo bastardíssimo da plebe!*

Há um Cesário Verde que, indiretamente, sem assumir postulados semelhantes aos de Augusto dos Anjos, em vários poemas recalça essa repulsa ao amor carnal e desdenha, de certa maneira, alguma forma de amor nesse sentido. Sobre tudo quando se trata do “amor” das prostitutas. Isso, muito sutilmente, quase despercebido:

*E saio. A noite pesa, esmaga. Nos
 Passeios de lajedo arrastam-se as impuras.*

.....
 (O Sentimento dum Ocidental: III, Ao Gás)

.....
*“Por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,
 Tossem, fumando, sobre a pedra das sacadas.”*

(O Sentimento dum Ocidental: IV, Horas Mortas)

Ainda que corramos o risco do excessivo, julgamos importante transcrever integralmente o poema “Ó Áridas Messalinas” de uma das coletâneas do livro denominada “Ecos do Realismo”:

*Ó áridas Messalinas
 não entreis no santuário*

*transformareis em ruínas
o meu imenso sacrário!*

*Oh! A deusa das doçuras,
a mulher! Eu a contemplo!
Vós tendes almas impuras,
não me profaneis o templo!*

*A mulher é ser sublime,
é conjunto de carinhos,
ela não propaga o crime,
em sentimentos mesquinhos.*

*Vós sois umas vis afrontas,
que nos dão falsos prazeres
não sei se sois más se tontas,
mas sei que não sois mulheres!*

Como dissemos, há, nesse ponto, uma semelhança de tratamento à questão amorosa entre os dois poetas. Fora daí, Cesário Verde desenvolve temática tanto considerando a mulher como um “ser sublime/ conjunto de carinhos” e que, portanto, o seu eu poemático contempla, quanto a considera a explosiva sensualidade de desejos irrefreáveis:

IV

*Hei-d'esperar, talvez, que o seu amor me acoite,
Mas nunca a fitarei duma maneira franca;
Traz o esplendor do Dia e a palidez da Noite,
É, como o Sol, dourada, e, como a Lua, branca!*

X

*O seu vagar oculta uma elasticidade
Que deve dar um gosto amargo e deleitoso,
E a sua glacial impassibilidade
Exalta o meu desejo e ataca o meu nervoso.*

(Humorismo de Amor: Frígida)

Conclusão

Tornemos a afirmar, para concluir: estamos diante de dois poetas cujas concepções poéticas, na essência, são diferentes. Cesário Verde, de uma poética radicada na vida humana. Os elementares e complexos problemas do homem, desde os mais profundos aos mais simples da existência social são minuciosamente observados, descritos, analisados e avaliados, muitas vezes com ironia, por uma linguagem poética, tecnicamente formal mas simples, solta, prosaica e, paradoxalmente, erudita. Erudição constantemente confirmada não só pelo léxico, como também pelas citações: Spencer, Feuillet, Taine, Zaccane, Camões etc. Deste, aliás, há ressonâncias claras, como se pode observar, por exemplo, na estrofe seguinte, extraída de “Nós”:

*Ai daqueles que nascem nestes casos,
E, sendo fracos, sejam generosos!
As doenças assaltam os bondosos
E – custa crer – deixam viver os maus!*

Cabe dizer também que há tensões mais duradouras e mesmo referências à decomposição última das coisas e do homem na poesia de Cesário Verde. Surgem de passagem, é certo, mas deixam entrever uma incutida concepção spenceriana de mundo: “*E onde, talvez, se faça ainda o jazigo/Em que eu irei apodrecer primeiro!*”

Outra, sem dúvida, é a poética de Augusto do Anjos. Aqui, também já dissemos, há a radicalização de uma poética da nulidade do ser e das coisas, da atávica força da morte que reduz a vida a pó, em projeto impossível de realização. Daí o obsessivo transtorno, a obsessiva angústia do eu poemático ante sua incapacidade de transformar tudo isso, experimentando a cada passo a certeza da tenacidade do império irreversível da morte. A única transformação possível à vida é mumificar-se, putrefazer-se e reintegrar-se ao pó cósmico que efetivamente é. O que sobrevém disso é essa poesia extraordinária, insólita, única ainda hoje.

São, pois, duas poéticas essencialmente opostas. Contudo, há entre elas pontos comuns relevantes e, a nosso ver, dignos de nota e que, nesse trabalho, tanto uma coisa como outra, procuramos explicitar. Interessante ressaltar que o marcante traço estilístico comum a ambos, o contraste, o paradoxo, que, nisto, os assemelha, torna-os essencialmente dessemelhantes na pulsação tensionada de uma poética fazendo pulular a vida e de outra fazendo fervilhar o verme, construtor incansável da morte.

Recordemo-los:

(...)

*Batem os carros d'aluguer, ao fundo,
Levando à via férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!*

(...)

*Votam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atacam botes.*

(O Sentimento dum Ocidental: I, Ave Marias)

*Fator universal do transformismo,
Filho da teleológica matéria,
Na superabundância ou na miséria,
Verme – é o seu nome obscuro de batismo.*

(...)

*Ah! Para ele é que a carne podre fica,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção.*

(O Deus-Verme)

É necessário, entretanto, que encerremos estas reflexões em torno destes dois monumentais poetas da língua portuguesa, atendo-nos, mais uma vez, ao que neles os distingue, justamente porque os assemelham. E para não recorrermos a

pontos já aqui desenvolvidos, tomemos um outro até então não apontado. Trata-se de Deus. Essa entidade divina, perfeita, superior. Que Cesário Verde o citasse, que a ele aludisse, nada mais natural. Entretanto, ao poeta para o qual a vida é apenas manifestações contínuas e diversificadas do cosmo que se reduz em si mesmo, admitir Deus, mais que um paradoxo, é um outro surpreendente estranhamento. Mas, que, afinal, também os aproxima.

E o surpreendente é que esse ponto semelhante, ou seja, a referência a Deus, dá-se, inesperadamente de forma dessemelhante. Ou seja, a explícita citação e aberta reverência a Deus observa-se mais em Augusto dos Anjos e não em Cesário Verde, como seria de se esperar. E mais, neste as referências não são tão explícitas como naquele. Vejamos:

(...)

*Oh! Tu que no Perdão eu simbolizo,
Se fosses Deus, no Dia de Juízo,
Talvez perdoasses os que te mataram!*

(A um Carneiro Morto)

(...)

*– Seria a mão de Deus?! Mas Deus em fim
É bom, é justo, e sendo justo, Deus,
Deus não havia de magoar-te assim!*

(Sonetos, I – A meu Pai doente)

Em Cesário Verde, lê-se:

.....
*Ai, como no teu colo há muita seta
E o teu peito é peito dum Herodes.*

(Ecos do Realismo, “A força”)

(...)

*Hei-de expor-lhe o meu peito descarnado,
Chamar-lhe minha cruz e meu calvário,*

E ser menos que um Judas empalhado.
(Ecos do Realismo, "Cinismos")

*Ó bom João de Deus, ó lírico imortal,
Eu gosto de te ouvir falar timidamente
Num beijo, num olhar, num plácido ideal;
Eu gosto de te ver contemplativo e crente,
Ó pensador suave, ó lírico imortal!*
(Ecos do Realismo, "Cadências Tristes")

Referências Bibliográficas

ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

_____. **Antologia poética**. Estudos e notas de Ivan Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

BOSI, Alfredo. **O pré-modernismo**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

COELHO, Jacinto do Prado. **Dicionário de Literatura**. 3. ed. Figueirinhas/Porto: Porto Editora, 1987.

MOISÉS, Massaud. **Presença da Literatura Portuguesa**. Romantismo-Realismo. 6. ed. São Paulo: DIFEL, 1984.

REIS, Zenir Campos. **Augusto dos Anjos: poesia e prosa**. São Paulo: Ática, 1977.

ROSENFELD, Anatol. **Texto/Contexto**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

SARAIVA, António José, LOPES, Oscar. **História da Literatura portuguesa**. 8. ed. Porto: Porto Editora, 1975.

VERDE, Cesário. **O livro de Cesário Verde**. Aveiro: Estante Editora, 1989.